



O pícaro em Hoje é Dia de Maria: o estudo de Zé Cangaia e Maria¹

Paloma Rodrigues Destro Couto²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Neste trabalho buscamos analisar de que maneira dois personagens da minissérie *Hoje é Dia de Maria* – a própria Maria e seu amigo Zé Cangaia – podem ser considerados figuras de personalidade pícara. Para isso, foram enumeradas características dessa figura, que posteriormente foram aplicadas a algumas atitudes e a alguns momentos vividos pelos personagens-objeto. Os resultados obtidos fazem parte de um estudo maior que visará compreender de que maneira essa presença picaresca em *Hoje é Dia de Maria* contribui para a formação do imaginário da identidade nacional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: pícaro; *Hoje é Dia de Maria*; Maria; Zé Cangaia

INTRODUÇÃO

Exibida em 2005 pela Rede Globo de Televisão, a minissérie *Hoje é Dia de Maria* conta a história da personagem-título, Maria. Em meio a uma família despedaçada devido à seca e à pobreza no sertão (já que a mãe morreu e os irmãos saíram de casa para trabalhar e nunca mais voltaram), Maria vive somente com seu pai, vítima de alcoolismo, que tentava várias vezes abusar da menina.

Em um de seus momentos de desespero frente às atitudes do pai, a menina encontra com uma vizinha viúva, que a convence do fato de um casamento ser capaz de mudar seu pai e melhorar sua vida. Maria apóia a mulher, que se casa com o pai e logo

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 - Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Graduanda da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), financiado pela Secretaria de Ensino Superior (SESu/MEC), que tem como propósito integrar na graduação as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Orientada pelo Prof. Dr. Francisco José Paoliello Pimenta. Endereço eletrônico: palomadestro@yahoo.com.br



se mostra uma madrasta típica de contos de fada (que trata a criança mal e a obriga a trabalhar).

A menina então resolve sair de casa em busca de sua felicidade, que estaria “nas franjas do mar”. Levando sempre uma chavinha ao peito (presente de sua mãe, que lhe disse ser a chave que abriria seu tesouro, sua felicidade), Maria anda sem caminho certo – a única certeza é o destino a que quer chegar. Na caminhada, porém, vai se encontrando com personagens peculiares e importantes para o desenvolvimento da história, como o diabo Asmodeu, que aparece sob sete faces diferentes.

Um desses personagens é Zé Cangaia, um comerciante nordestino que Maria encontra em uma festa. Sua aproximação com ele se dá pelo fato de flagrá-lo vendendo sua sombra ao diabo em troca de um sanduíche. Esse encontro funciona como gatilho para os posteriores acontecimentos e como marco do nascimento de uma grande amizade.

A observação desses dois personagens na minissérie nos leva ao encontro de um termo muito presente nos estudos sobre certas figuras de narrativas populares: o *pícaro*. O presente artigo objetiva descobrir de que maneira os perfis de Maria e Zé Cangaia podem ser picarescos. Como primeira hipótese temos que talvez a figura do pícaro não se dê de forma homogênea dentre os personagens analisados, havendo variações de características entre eles.

Analisaremos, sob esse enfoque, somente a primeira jornada da minissérie. Em primeiro lugar, faremos um apontamento do que seria essa figura do pícaro, destacando suas características. Em seguida as aplicaremos aos perfis dos personagens analisados, buscando ver em que medida Maria e Zé Cangaia podem ser considerados personagens picarescos. Por fim, chegaremos a uma conclusão que pode ou não corroborar a hipótese levantada anteriormente.

Esta é apenas a primeira etapa de uma pesquisa que visa analisar de que forma essa figura picaresca presente em *Hoje é Dia de Maria* contribui para a formação da identidade cultural nacional, fortalecendo-a e servindo de ferramenta em sua transmissão.

O PÍCARO

O termo *pícaro* está muito presente nos estudos sobre certas figuras narrativas populares. Como exemplo do picaresco temos João Grilo, da minissérie *O Auto da*



Compadecida, e o próprio Macunaíma, de Mário de Andrade. Mas em que consiste essa figura?

O pícaro é aquele personagem que possui um jeito peculiar de se esquivar dos problemas, possui um insistente bom humor, desrespeita autoridades, não possui apego a objetos nem a lugares, sendo muitas vezes inconsequente, irreverente e irresponsável (FERREIRA, 2010).

Além disso, Barros e Silva, citando Antônio Cândido, constitui o perfil do pícaro:

ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa. (...) Ele é amável e risonho, espontâneo nos atos e estreitamente aderente aos fatos, que o vão rolando pela vida. (...) Um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizado que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada (citado em BARROS E SILVA, 1999).

A partir dessas características do ser picaresco pode-se ligá-lo à figura do anti-herói, definido muitas vezes na cultura brasileira como malandro. Segundo Ferreira (2010, p.7), “o malandro carrega como estandarte o ‘jeitinho’ brasileiro, invertendo as desvantagens em vantagens – fazendo do limão uma limonada -, motivo de orgulho e signo de identificação para nosso povo”. Assim, o pícaro assume papel de destaque na formação da identidade do brasileiro.

Não só o pícaro assume esse papel, mas também a própria minissérie *Hoje é Dia de Maria*. Com sua narrativa baseada na literatura de cordel e em cantigas populares, a história pode constituir um espelho para o brasileiro, que se vê nas situações e nos personagens, incluindo a própria Maria. Segundo João Eduardo Justi,

suas características [dos personagens de *Hoje é Dia de Maria*] ajudam a montar o caráter do homem brasileiro imaginado, ou porque denotam comportamentos tipicamente populares, ou ainda, porque fazem parte de universos muito particulares e indispensáveis na composição do panorama da cultura popular brasileira (JUSTI, 2010, p.8).

Daí a importância de se estudar em que medida personagens de *Hoje é Dia de Maria* – especificamente Maria e Zé Cangaia – podem ser considerados pícaros, já que são também formadores e identificadores da identidade cultural nacional, levando o espectador a se ver e a se identificar com o que está na tela.



Partiremos então para a análise de Maria e de Zé Cangaia, aplicando as características da figura picaresca nos perfis e atitudes desses personagens, para que assim possamos corroborar ou não nossa hipótese de eles serem pícaros.

MARIA

Órfã de mãe, vítima de tentativas de abuso por parte do pai e das maldades de sua madrasta, Maria sai de casa em busca de sua felicidade. Levando sempre ao peito uma chavinha dada pela mãe (capaz de abrir seu tesouro, a felicidade procurada), tem sua caminhada acompanhada de perto pelo diabo Asmodeu. No caminho, conhece diversos personagens, que sempre lhe acrescentam algo em sua vida, em sua história.

Maria, antes de tudo, é uma heroína. Segundo o site da minissérie, é

uma heroína que passa longe das princesas passivas das fábulas tradicionais, que esperam seus príncipes salvá-las de todos os males. Maria escapa da Madrasta, enfrenta o diabo, diz não ao Príncipe e se apaixona pelo Pássaro, seu protetor. Mas apesar destas diferenças, a saga de Maria se assemelha a de muitos heróis universais: há uma partida, uma tarefa a ser realizada e um retorno - roteiro básico da experiência de todo ser humano (GLOBO.COM).

Roberto Da Matta (1997) expõe também a importância dos obstáculos que sofre o herói ao longo de sua trajetória: “[...] as provas e obstáculos revelam que a vida e o mundo são duros e cruéis, e como em geral os heróis estão sem família e sós neste mundo, [...] têm de demonstrar a sua enorme e inabalável fortaleza diante dos obstáculos.” (DA MATTA, 1997, p.258).

Maria, sem dúvida, expressa sua capacidade de superar os obstáculos. Uma das primeiras provas disso é sua própria saída de casa, abandonando sua vida e seu pai em busca de felicidade. Temos aí presente uma característica picaresca, que é o não apego a lugares. Apesar de se preocupar com o pai durante toda a sua trajetória, a menina só retorna definitivamente à sua casa no último capítulo da jornada, após reencontrar o amigo Zé Cangaia, quando percebe que seu destino é fazer o caminho inverso, voltando para de onde partiu:

Maria: Pra donde será que essa saída leva? Será que é pras franja do mar?



Zé Cangaia: Por aí, não, Maria! Aí é aquela terra onde o sol nunca se põe. É o País do Sol a Pino!

Maria: Entonce, acho que meu destino é mesmo fazê o caminho de vorta... Que seja! Adeus, Zé!

Além do desapego a lugares, o pícaro é desapegado a objetos. Maria, ao contrário, possui uma chavinha que a mãe lhe deu, prometendo ser a chave que a levaria a sua felicidade. Durante toda a caminhada, a menina se preocupa com o objeto, que é roubado pelo diabo Asmodeu, que se atenta ao apego da menina. A heroína, neste aspecto, mostra-se destoante do perfil picaresco.

Maria, na passagem em que ajuda seu amigo Zé Cangaia a recuperar sua sombra, invoca o diabo em uma encruzilhada e este, zangado, lhe propõe três charadas. Caso a menina acertasse todas, partiriam para um desafio. Maria acerta as respostas e ganha o desafio, recuperando a sombra de Zé Cangaia. Antes de ir embora, deixa para o adversário um chapéu que, segundo ela, escondia um passarinho. O diabo, ao colocar a mão sobre o objeto, descobre que seu conteúdo, na verdade, eram fezes, ficando irado com a menina. Essa passagem, conforme dito anteriormente, é de grande importância para o andamento da história, já que é a partir dela que o diabo decide perseguir Maria de perto, atrapalhando seu caminho e sua vida.

Este acontecimento abarca, também, algumas características do ser picaresco. Ao desafiar Asmodeu, a menina mostra-se espontânea nos atos, já que busca, de qualquer forma, ajudar o amigo. Por outro lado, é também irresponsável e inconsequente, já que desafia o ser supremo da maldade do mundo – o diabo.

Além disso, mostra-se irreverente, ao mentir para Asmodeu, deixando-lhe fezes em lugar do pássaro afirmado – o que também não deixa de ser inconsequente, já que com isso ganha seu pior inimigo.

Pode-se dizer também que possui certo desrespeito a autoridades, no que concerne caracterizar Asmodeu como autoridade, já que ele é o senhor da maldade, um símbolo da infelicidade, dos pecados, da tristeza. Assim, Maria abarca, com suas atitudes, mais uma característica picaresca.

Também nessa passagem percebemos o jeito peculiar de Maria em se esquivar dos problemas – no caso, recuperar a sombra de Zé Cangaia só foi possível ao desafiar o diabo, coisa que raramente se faz até mesmo na própria minissérie, já que a menina é a primeira a ir contra ele de forma tão incisiva.



Maria sofre com a seca, com a perseguição de Asmodeu, com a saudade do pai, com o amor perdido. Ao longo de toda a jornada, cada fato que acontece auxilia no crescimento da experiência de Maria. A menina aprende com os acontecimentos, amadurece, se torna mais forte. Refaz o caminho de volta com mais sabedoria, reencontrando quem na ida encontrou, refletindo sobre a caminhada.

Temos mais características picarescas, já que a brutalidade da vida a torna mais esperta, e seu aprendizado a amadurece; ela então recapitula sua jornada, percebendo que sua sina é mesmo voltar, e que, como afirma o título do último episódio, a felicidade está “Onde o Fim Nunca Termina” – no local de onde partiu.

ZÉ CANGAIA

Zé Cangaia é um comerciante nordestino que Maria encontra em uma festa. A menina se aproxima do homem por este estar vendendo sua sombra ao diabo em troca de um sanduíche. De acordo com Paiva: “Uma das obsessões do demônio Asmodeu é se apossar das sombras das pessoas, como quem se apossa do corpo e da alma” (2010, p.12).

Tanto se apossa da alma de Zé Cangaia que este, após comer todo o sanduíche dado pelo diabo, desconsidera as advertências de Maria, demonstrando seu arrependimento em ter pedido apenas um sanduíche pela sombra, e não dois. Assim, o personagem demonstra que o aprendizado que teve com a venda da alma foi negativo – já que, se pudesse voltar no tempo, faria tudo outra vez.

Não dá ouvidos a Maria, que o alerta do perigo de ter fechado contrato com o diabo, tentando, de qualquer forma, mostrar ao nordestino que daquilo que fez ele deveria tirar um aprendizado positivo, no sentido de que nunca mais faria algo parecido. Nesse aspecto, Zé Cangaia se mostra contrário ao pícaro, já que este amadurece com seu aprendizado. Zé não amadurece nem percebe a importância do que fez.

Somente quando começa a sentir dores na barriga e a ouvir assombrações é que o nordestino realmente acredita que havia vendido sua sombra ao demo. Antes, com sua ingenuidade, não acreditou que o negócio fosse realmente válido. Temos aqui o aparecimento de uma característica da personalidade picaresca: a ingenuidade nos fatos.

Maria então decide ajudar Zé, evocando o diabo numa encruzilhada. Este propõe um desafio à menina, que o vence e recupera a sombra do amigo. Posteriormente, Maria



convida Zé Cangaia para seguir a caminhada com ela. Ele, porém, recusa, como visto no diálogo abaixo:

Maria: Ichi! Tá afracando, home? Vamo andá que temo muita estrada adiante.

Zé Cangaia: O causo é que vô ficando por essas beirada.

Maria: Ocê ta falando que me vai deixá, Zé?

Zé Cangaia: Sabe o que é, menina? Cada um tem uma sina. A sua tá longe, lá nas franjas do mar. A minha tem raiz fincada nesse chão meu, sertanejo...

Maria: Entonce, isso é uma despedida, Zé?

Zé Cangaia: É.

Vê-se claramente o inverso de uma das características do pícaro: a de não possuir apego a lugares. Zé Cangaia, ao recusar a caminhada pelo mundo com Maria, demonstra seu apego à sua terra sertaneja, às suas raízes, à vida que já possui (“A minha [sina] tem raiz é fincada nesse chão meu, sertanejo”).

Nesse episódio da retomada da sombra, Zé Cangaia, assim como Maria, se mostra inconsequente, irresponsável e sem escrúpulos, já que desafia e engana o diabo, podendo inclusive ganhá-lo como inimigo. Assim, também desrespeita essa autoridade do Mal, demonstrando parcelas picarescas em seu perfil. Asmodeu, no entanto, se volta apenas contra Maria, a articulista do plano de devolução da sombra.

O nordestino demonstra, em todos os seus momentos com Maria, seu bom humor, sua espontaneidade, sua amabilidade e seu jeito risonho – quatro características marcantes do pícaro. Prova disso é quando a menina o reencontra no final de sua jornada, ele como porteiro e vendedor de algodão doce em um parque de diversões que se encontra totalmente vazio. Apesar disso, mantém a alegria e o bom humor, chamando a freguesia inexistente no sertão devastado pela seca e miséria.

Ao final do reencontro com Maria, Zé Cangaia reafirma seu apego a lugares, assim como da primeira vez que despediram. A menina, ao constatar a necessidade de tomar o caminho de volta, a expõe ao amigo, que indaga, demonstrando que não irá com Maria:

Zé Cangaia: Oh, menina, mai nossa sina é sempre se despedi?

Maria: É, não, Zé. Nossa sina é sempre se encontrá! Adeus, Zé!



Zé Cangaia: Adeus, Maria. O que eu queria lhe desejar é que sua roda da fortuna comece a girar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como intenção expor alguns aspectos que permitiriam – ou não – caracterizar Maria e Zé Cangaia, personagens da minissérie *Hoje é dia de Maria*, como donos de personalidades picarescas.

Como apenas um estudo preliminar, nem todas as situações vividas pelos personagens que poderiam atribuir-lhes caráter picaresco foram abordadas. Foram escolhidos momentos que consideramos referência na demonstração – ou não – de características da figura pícara. Assim, acreditamos que as situações abordadas foram satisfatórias para cumprir o objetivo inicial deste estudo.

Maria, durante toda a sua jornada, vai enfrentando situações e encontrando personagens que despertam nela inconsequência, irreverência, irresponsabilidade, amadurecimento, além de jeitos peculiares de se esquivar de problemas e espontaneidade em suas atitudes.

A menina é, desde sua saída de casa em busca da felicidade, uma personagem pícara. Não se prendeu a lugares, esteve sempre caminhando pelo seu mundo, mesmo quando percebeu que deveria voltar para encontrar o que procurava.

Encontramos, nessa breve análise, somente uma das características pícaras enumeradas que não está presente na personalidade de Maria: o desapego a objetos. A menina carrega consigo uma chave dada pela mãe, chavinha capaz de abrir seu maior tesouro – a felicidade. A personagem é tão apegada a esse objeto, tanto pelo o que ele é capaz de lhe proporcionar quanto pelo aspecto emocional que possui (já que foi dado pela mãe que morreu), que seu maior inimigo, o diabo Asmodeu, percebe esse sentimento e procura sempre ter a posse do objeto para atingir a menina.

Mas apenas uma característica diferente não é capaz de descaracterizar nossa heroína de sua personalidade pícara, já que é pelo seu jeito e atitudes que vai levando e sendo levada pela vida, com todos os encontros e desencontros que esta lhe proporciona.



Já Zé Cangaia não possui uma das grandes características do pícaro, o desapego a lugares. Quando encontra Maria e quando os dois se reencontram ele insiste em permanecer em sua terra, mesmo ela estando devastada pela miséria e pobreza. Apesar disso, apresenta outras características como o bom humor, o desrespeito a autoridades, a inconseqüência, a irreverência, a irresponsabilidade (ao, por exemplo, vender a alma ao diabo), a ingenuidade (na mesma situação); é amável e risonho, espontâneo nos atos, aprende com a vida.

Assim como Maria, Zé Cangaia não pode ser desconsiderado pícaro somente porque não possui um aspecto dessa figura. A forte presença do restante das características da personalidade pícara pode sim ser capaz de classificá-lo como tal.

Dessa maneira, percebemos que nossa hipótese inicial foi corroborada. Tanto Maria quanto Zé Cangaia podem ser considerados figuras picarescas, mas entre eles existem algumas diferenças entre as características que estão presentes em suas personalidades.

Como dito na introdução deste artigo, estas considerações são preliminares de um estudo maior, que visa analisar de que maneira essa presença picaresca em *Hoje é Dia de Maria* contribui na formação do imaginário da identidade cultural nacional. A pesquisa não parará por aqui.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Alberto; CARVALHO, Luiz Fernando. *Hoje é Dia de Maria: Roteiros da 1ª e 2ª Jornadas*. São Paulo: Globo, 2005.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Carol do Espírito Santo. *Arqueologia do Malandro na TV brasileira – O picaresco na minissérie O Auto da Compadecida*. In: III Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de Minas Gerais, 2010, Juiz de Fora – MG.

GLOBO.COM. *Hoje é dia de Maria*. <[http:// redeglobo.com/ Hojeediademaria](http://redeglobo.com/Hojeediademaria)> Acesso em: 06 de dezembro.

HOJE É DIA DE MARIA. *Primeira e segunda jornada* (DVD). TV Globo: 2004-2006.



JUSTI, João Eduardo. *O Espelho de Todos Nós - A cultura popular brasileira como fonte da televisão: uma análise da minissérie “Hoje é dia de Maria”*. In: Celacom 2010, São Paulo – SP.

PAIVA, Cláudio Cardoso. Epifanias do sublime, do trágico e do maravilhoso na minissérie *Hoje é dia de Maria* - Mídia e cultura no tempo das artes tecnológicas (televisão, cinema e DVD). Universidade Federal da Paraíba. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em: out. 2010.

SABINO, Fernanda Coutinho. *Do popular ao massivo: Reflexões sobre os territórios simbólicos na microssérie Hoje é Dia de Maria*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF. Juiz de Fora, 2009.